



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

ASPECTOS DA CULTURA RELIGIOSA: SINCRETISMO EM PORTO VELHO

Josué Passos de Melo¹

Introdução

Enquanto houver homem a cultura não se esgotará. Os Estudos Culturais tem muitos desafios a sua frente. Esse artigo é a demonstração de nosso interesse em aceitar os desafios.

Considero oportuno utilizar as palavras de Goldmann (1972, p. 19) para iniciar nossa reflexão: "o trabalho de pesquisa científica necessita liberdade e independência em face de toda ingerência estrangeira". Ainda como parte dessa responsabilidade do cientista em submeter sua subjetividade ao controle racional e metodológico. Goldmann (1972, p. 19) adverte: "Do mesmo modo, exige do pesquisador, não a renúncia de toda ideologia, mas que faça todos os esforços de que é capaz para subordiná-la. No decorrer de seu trabalho, à realidade dos fatos estudados".

Assim, é nossa proposta, a partir da leitura de obras que tratam sobre Estudos Culturais, História regional, Religião Cristã, Religião Afro-Ameríndia, produzidas ao longo do século XX, objetivamos lançar olhar sobre o encontro das Religiões Cristã, africana e indígenas e a influência desse encontro sobre a religiosidade em Porto Velho.

Como primeira mirada, tentaremos enxergar como fatores econômicos, políticos, culturais e étnicos contribuíram para a hegemonia da religiosidade não homogênea na Amazônia. Considerando que a aproximação de fiéis pertencentes às religiões citadas foi forçada pela Colonização Européia que trouxe o que se convencionou a chamar-se homem branco.

1 Mestrando em História e Estudos Culturais na Universidade Federal de Rondônia
jpmberana@yahoo.com.br



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Nosso olhar se direcionará para o encontro étnico religioso na Amazônia e em Porto Velho em decorrência da economia extrativista gomífera movimentada com a força dos braços dos nordestinos, amazonenses e paraenses, cujo vestígio maior dessa economia é o que resta da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. E, pelos programas de assentamento e colonização com a distribuição de terras rondoniense aos migrantes do Sul e Sudeste do Brasil.

Como terceiro olhar nossa vista se voltará para o lado do encontro religioso à influência e transversalidade da religiosidade em Porto Velho. Religiosidade que se faz presente na cultura do povo que ainda está se formando.

Por fim nossas considerações finais e expectativa quanto às novas pesquisas e estudos sobre a cultura religiosa em Porto Velho.

Nossa pesquisa foi metodologicamente bibliográfica. Utilizamos as obras de doutrinadores ingleses que fundamentaram a metodologia ou as metodologias para o campo da disciplina Estudos Culturais nas décadas de 1930 e de 1940, anos da constituição desse campo de pesquisa e estudo realizados na Europa, especificamente na Inglaterra. Utilizamos também, obras de estudiosos da disciplina que pertencem à academia nacional.

Para as fontes históricas da região Amazônica, utilizamos as obras de historiadores, antropólogos, sociólogos, tanto naturais da Amazônia com oriundos do Nordeste e de outras regiões do Brasil. Autores e obras já consagrados pela academia.

Para a história regional de Rondônia e, especificamente, de Porto Velho, utilizamos como fontes os pesquisadores da academia local por estarem bem próximo aos seus objetos de pesquisa e por suas obras fornecerem os dados necessários para enxergarmos a história, mesmo à distância.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

neoliberalismo admite, então, a diferença simplesmente porque estas formam um quadro de igualdade, um sistema de 'diferenças uniformes'".

Magalhães (2000, p. 17) informa ser inevitável aos teólogos não considerar "o sincretismo, que se torna cada vez mais evidente na nossa realidade religiosa e social e, na verdade, sempre foi e será uma experiência concreta das comunidades cristãs". Sobre tudo na América Latina. Considerar ainda os resultados principalmente os que se constituíram como vantajosos. Segundo Magalhães (2000, p. 17): "Falar do sincretismo é considerar as formas como ideais cristãos entraram nas culturas e, também, constatar as formas como as culturas mudaram e impulsionaram os ideais cristãos".

2. Encontro étnico religioso na Amazônia e em Porto Velho

Na Amazônia, em específico o Estado de Rondônia, três grandes estruturas religiosas se encontraram, conviveram e convivem nesses anos dos séculos XX e XXI: a indígena, a africana e a cristã. Constituindo assim a conjuntura religiosa praticada pelos habitantes das cidades do Estado.

Cada etnia contribuiu com elementos religiosos de sua crença: os indígenas com os aspectos que consideravam sagrados da natureza terrena mineral e vegetal. Os africanos com as crenças nas manifestações dos fenômenos atmosféricos da natureza e de sua ancestralidade. O colonizador com as crenças e práticas oriundas da concepção de sagrado judaico-cristã. A assimilação de elementos de uma religião por outra se deu à revelia do clero oficial no espaço meramente popular.

Experiência como essa não foi algo inédito. Burke (2010, p. 154) nos descreve um cenário europeu na Idade Moderna, muito



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

parecido com o de Porto Velho, no tocante a participação popular como ator das transformações culturais:

Há muito mais a se dizer sobre os cenários públicos: a igreja, a taverna e a praça do mercado. A igreja era muito usada para propósitos laicos nesse período, tal como fora durante a Idade Média, apesar das objeções do clero católico e protestante.

Fonseca (2007, p. 102) informa sobre os registros das chegadas à região que veio a ser o Estado de Rondônia, de contingentes nacionais para trabalhar no "[...] Primeiro Ciclo da Borracha", que remontam às últimas décadas do século XIX.

Vale salientar que Porto Velho recebeu, no século XX, pessoas oriundas de países árabes, asiáticos, europeus, Américas e de Israel. Mas, não se verificou expressão na prática das religiões islâmica, judaica e nem hindu. A não ser no íntimo familiar desses migrantes. Nota-se a ausência do proselitismo religioso nas religiões orientais. Por outro lado, o proselitismo é prática muito comum na religião cristã e faz parte de sua estratégia de crescimento e estabelecimento. Conhecida também por cristianização.

Mas, antes dessa migração populacional que tinha como motivação maior a economia extrativista gomífera e, posteriormente, a fixação e exploração agropastoril com os Planos de Assentamento e Colonização governamental, a presença do colonizador já se fizera na região. Conforme Ferreira (SDP, p. 23) no século XVII o rio Madeira já era conhecido pelos bandeirantes portugueses. Havia comércio entre os holandeses e os índios do Madeira (FERREIRA, p. 24). Os padres jesuítas nesse século XVII iniciam suas explorações e fixação no vale do rio Madeira subindo o rio.

Porto Velho não existia no auge da exploração da mão de obra escrava africana. É com o colonizador português em especial as ordens religiosas, no primeiro momento, e séculos depois com os estrangeiros operários para trabalhar na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré que



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

chegou aqui à região a religião cristã. Foi com os migrantes oriundos do Nordeste, Pará e Amazonas que os cultos de matriz africana se estabeleceram em Porto Velho (TEIXEIRA 1994, p. 49). E aqui, essas religiões, cristã e de matriz africana se encontravam com a religiosidade do nativo. Mesclavam-se, fazendo surgir novas manifestações, como é o caso da pajelança:

A pajelança constituiu-se mistura de rituais indígenas, mesclada à influência católica e espírita, grandemente popular na Amazônia. A pajelança ou curandeirismo mescla-se, com o tempo, ao conjunto dos ritos afros, transformando-se e incorporando elementos diferentes e ritos diversificados que irão caracterizar aquilo que, popularmente, foi chamado de batuque ou macumba. (TEIXEIRA 1994, p. 48).

3. Do encontro religioso à influência e transversalidade da religiosidade em Porto Velho

Na atualidade a cultura religiosa em Porto Velho se expressa, predominantemente, por intermédio da religião cristã representada pela igreja Católica. E, pelas igrejas oriundas da Grã-Bretanha, Alemanha e dos Estados Unidos é que constituem Protestantismo Histórico (REILY 1993, p. 25): igreja Presbiteriana, Batista, Metodista, Anglicana e Luterana. E por fim pelas igrejas pentecostais (MARIANO 1999, p. 28): Assembléia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Evangelho Quadrangular, Igreja de Deus Pentecostal do Brasil, Deus é Amor e muitas outras menores. E, pelas neopentecostais (MARIANO 1999, p. 32): Universal do Reino de Deus, Mundial do Poder de Deus, Sara Nossa Terra e um universo de igrejas menores.

A "macumba", termo utilizado para generalizar as representações do culto afro-ameríndio em Porto Velho (TEIXEIRA 1994, p. 49), é representada pelos centros e terreiros existentes na cidade. Ainda sofre a marginalização da sociedade (TEIXEIRA 1994, p. 65) e a demonização por parte dos seguimentos pentecostais e neopentecostais. O Protestantismo Histórico é mais sóbrio em seu



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Se cultura é tudo o que constitui a maneira de viver de uma sociedade específica, devem-se valorizar, além das grandes obras que codificam esse modo de viver, a modificações históricas desse mesmo modo de vida.

Se tratando das religiões objetos de nossa análise, “as grandes obras que codificam”, conforme falou Cevasco, são as práticas religiosas que se tornaram comuns às religiões. Como a infusão de líquido ou do chá vegetal. A convulsão e as expressões orais em uma língua desconhecida por incorporação do elemento divino sejam entidade ou o Espírito Santo. As vestes e paramentos sacerdotais. As celebrações e rituais nos rios, cachoeiras, praias, etc. Acentua Lima e Nogueira (2011, p.6): “O terreiro com o nome em homenagem a um santo católico São Benedito, mostra o grande sincretismo religioso que predominava nos terreiros daquela época”.

Conforme Croatto (2001, p. 81) “O símbolo é a chave da linguagem inteira da experiência religiosa”. O líquido que o Santo Daime e a União do Vegetal ingerem em forma de chá. O líquido que compõe o *ebó* e o *amassios* banhos de purificação no Candomblé. A água benta que é utilizada para batismo e bênçãos no Cristianismo. O líquido, comum às três religiões é o símbolo sagrado que aproxima o fiel da divindade, tornando-o aceitável.

Assim como a experiência da Realidade transcendente (o Mistério ou qualquer que seja seu nome) é o núcleo do fato religioso, o símbolo é, na ordem da expressão, a linguagem originária da experiência religiosa, a primeira e a que alimenta todas as demais. (CROATTO 2001, p. 81)

Essa construção cultural religiosa se tornou possível e podemos enquadrá-la, conforme Hall (2014, p. 30) falando sobre a identidade nacional de um povo não é genética, “mas são formadas e transformadas no interior da representação”. De acordo com Tocantins (1982, p. 40):

A sociedade amazônica, sob aspecto psicossocial e cultural, condicionada pela natureza tão singularmente regional, não



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

demonstrou nenhuma vocação para se institucionalizar num rígido patriarcalismo escravocrata, agrário e monocultor.

Poderíamos acrescentar a essa conclusão que, na atualidade, a cultura religiosa também não assumiu essa característica de rigidez.

Bobsin (2002, p. 15) aplica o mesmo conceito utilizado na economia internacional: “desterritorialização”. Ainda, o conceito “destradicionalização” (BOBSIN 2010, p.16) para compreender essa “hegemonia” constituída pelas “diferenças”, muitas vezes até “antagônicas” entre as religiões. A junção desses conceitos constitui no que Bobsin (2002, p. 16) chamou de “transversalidade”. Não podendo utilizar os conceitos “transconfessionalidade”, “ecumenismo” e “diálogo inter-religioso”, por não ser iniciativa do clero oficial e nem ter sido reconhecido pelas instituições religiosas a nova configuração religiosa e cultural das crenças e práticas populares. Sobre essa forma de resistência e perseverança Lima e Fonseca (2011, p.14) concluem:

A luta dos praticantes da religião não-oficial, da preservação de seus valores, da manutenção de sua cultura, são elementos que por si só mostram como um povo ou indivíduos isolados podem deixar seu estigma, suas crenças, seus traços ao longo da história.

Considerações finais

Nesse percurso bibliográfico que fizemos embora curto, permitiu percebermos que os elementos culturais possuem forças que influenciam transformações na cultura ou na modelagem de novas configurações culturais: O homem e tudo aquilo que ele significa, faz ou que ele crê se manifestará onde ele estiver ou for levado, por sua vontade ou contra ela, exercendo assim influência nas outras culturas que ele fizer contato. Igualmente, será influenciado e desse encontro surgirão novos matizes sociais e culturais.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

Referências bibliográficas

BOBSIN, Oneide. **Correntes Religiosas e Globalização**. Curitiba/São Leopoldo: Pastoral Popular Luterana, CEBI, IEPG; 2002. 162 p.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa, 1500-1800**. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 465 p.

CARNEIRO, João Luiz. **Religiões afro-brasileiras: Uma construção teológica**. Petrópolis: Vozes, 2014. 151 p.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. 188 p.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião**. Tradução de Carlos Maria Vásquez Gutiérrez. São Paulo: Paulinas, 2001. (Coleção Religião e Cultura). 513 p.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 609 p.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A Ferrovia do Diabo**. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, SDP. 408 p.

FONSECA, Dante Ribeiro. **Estudos de História da Amazônia**. Porto Velho: Gráfica e editora Maia, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e senzala**. 51 ed. Rev. Ana Cristina Teixeira e Reinaldo Milesi. São Paulo: Global, 2006. 727 p.

GOLDMANN, Lucien. **Ciências Humanas e Filosofia: Que é Sociologia?** 7. ed. Tradução de Lupe Contrim Garaude e José Arthur Giannotti. Rio de Janeiro: DIFEL, 1972. 117 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. 58 p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. Revisão de Otacílio Nunes Junior e Carlos Alberto Inada. São Paulo: Cia das Letras, 2009. 220 p.

LIMA, Luciano Leal da Costa; NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno. **Chica Macaxeira, a mãe de santo que ressuscitou: Contribuições**



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

para o estudo dos cultos afro-brasileiros em Porto Velho. In: Revista Veredas Amazônicas – NOV – Nº 01, VOL I, 2011. ISSN: 2237-4043. 15 p.

LIMA, Luciano Leal da Costa; FONSECA, Dante Ribeiro. **Formação dos cultos afro-brasileiros em Porto Velho/RO.** In: Revista Veredas Amazônicas - NOV – Nº 01, VOL I, 2011. ISSN: 2237- 4043. 16 p.

MAGALHÃES, Antonio. **Deus no espelho das palavras: Teologia e literatura em diálogo.** São Paulo: Paulinas, 2000. (Coleção Literatura e Religião). 257.

MARIANO, Ricardo. **Neo Pentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** São Paulo: Loyola, 1999. 246 p.

NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno. A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e o Surgimento da Cidade de Porto Velho. In: **Estrada de Ferro Madeira-Mamoré: História, Prosa e Verso.** Porto Velho: IARIPUNA/IPARY, 2012. 240 p.

NOSSA: Revista. Editor Claiton Pena. Porto Velho, RO. FÊNIX, 1992. 58 p.

PRYSTHON, Angela. História da teoria: os estudos culturais e as teorias pós-coloniais na América. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagem.** Universidade Tuiuti do Paraná, v. 9. n. 1, 2010. 25 p.

REILY, Duncan Alexander. **História Documental do Protestantismo no Brasil.** Segunda impressão revisada pelo autor. São Paulo: ASTE, 1993. 416 p.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. A Macumba em Porto Velho. In: **Compêndio da história e Cultura de Rondônia** Volume II. Ary Pinheiro Borzacov (org.) Revisão de Antonio Gonçalves Dias. Porto Velho: FUNCER, 1994. 78p.

TOCANTINS, Leandro. **Amazônia: Natureza, Homem e Tempo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército/Civilização Brasileira, 1982.177p.